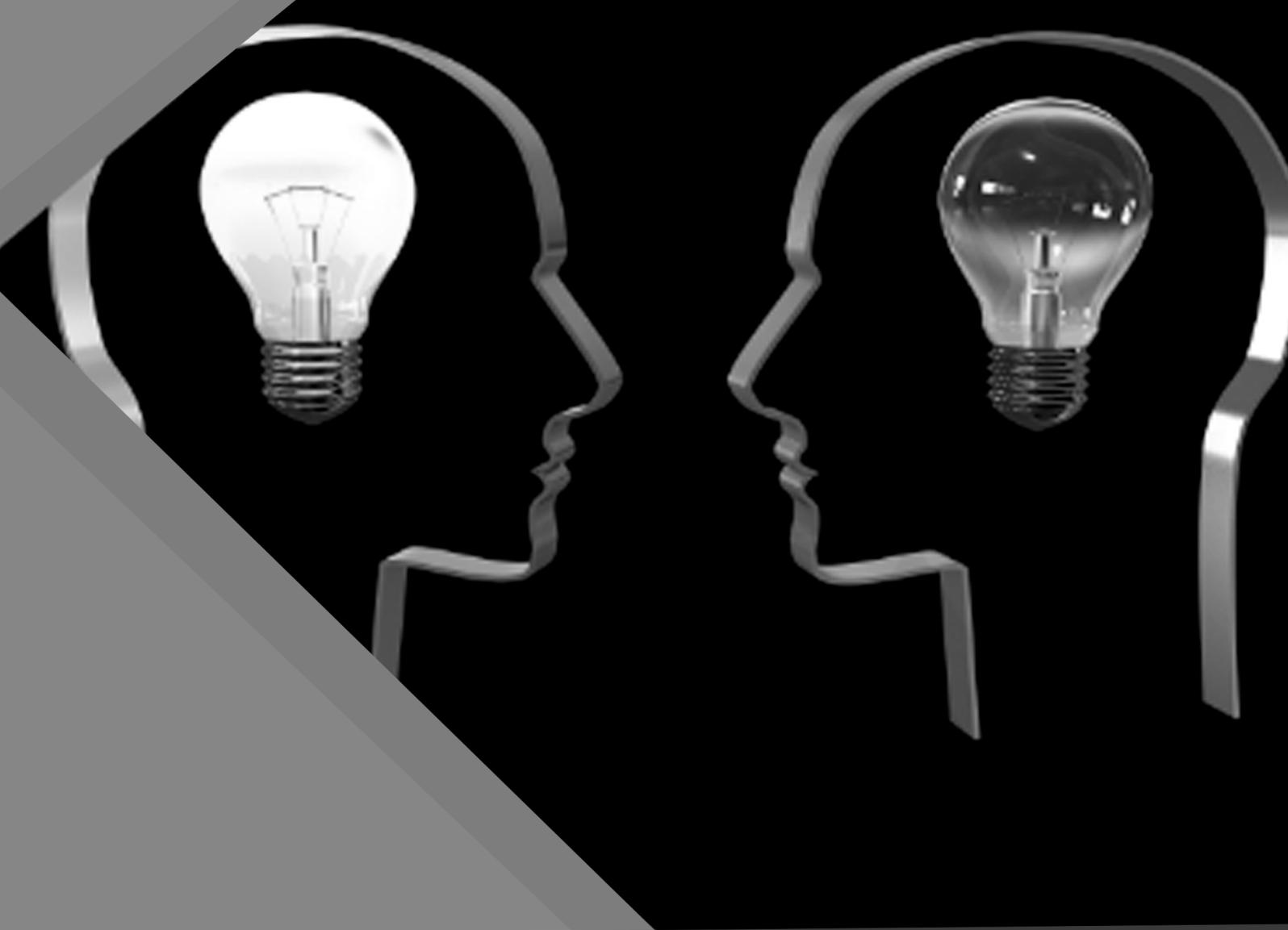




Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

Atena
Editora
Ano 2020



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

ados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D611	<p>Discussões interdisciplinares no campo das ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do E. Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-128-2 DOI 10.22533/at.ed.282202306</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Santo, Janaína de Paula do E.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas se constitui em uma coletânea de artigos preocupada em apresentar e discutir a miríade de possibilidades das humanidades enquanto área de conhecimento. A interdisciplinariedade tem sido uma busca e um alvo constante nas discussões da área, e do processo de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento. Isso está presente na formação da palavra, composta pelo prefixo inter, ou seja, dentro, entre, e a palavra disciplinar, que marca, o sentido pedagógico de um campo ou de uma área de pesquisa. Reconhecer as ciências humanas como um espaço plural e em constante diálogo tem sido um dos desafios dos últimos tempos. Trata-se de um processo dinâmico, que busca a compreensão ampliada dos diferentes saberes.

Neste sentido evocamos a noção de interdisciplinaridade de Weil, D'Ambrosio e Crema (1993) que chamam a atenção para o aspecto de síntese do conceito, e a possibilidade de abarcar, em diálogo, duas ou mais disciplinas, constituindo um discurso em diferentes níveis, que são caracterizados por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais, nos diversos campos científicos. Ainda neste sentido, mas em um olhar ainda mais abrangente, Lück (1999) aponta que a interdisciplinaridade é um processo que envolve a integração e o engajamento de pesquisadores, num trabalho conjunto. Essa interação visa, especialmente se contrapor à fragmentação do conhecimento em um empenho para alcançar um ambiente de saberes cidadãos, de uma visão mais ampla de mundo, do enfrentamento de problemas complexos, do conhecimento amplo como uma ferramenta de interpretação da realidade, e por consequência, da construção de amplitude nos processos de olhar o mundo.

Há que se caminhar, cada vez mais para a visão de um conhecimento circular e dinâmico, constitutivo e dialógico, de formação de sentidos para a experiência no mundo, no tempo e no espaço, que fortaleçam, demonstrem e explorem, cada dia mais, o impacto da percepção humana no processo de absorção do conhecimento (ou seja, o modo de ver, classificar e elaborar) para além da ideia de uma ferramenta de análise, mas, muito especialmente, como uma forma de estimular o pensamento. Um canal de formação de sentidos.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA PRÁXIS EXTENSIONISTA – INDICADORES DE AUTOGESTÃO NA INCUBAÇÃO DO <i>NÚCLEO DE PRODUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BEM DA TERRA/RS</i>	
Tiago de Garcia Nunes Samantha Vieira Zschornack Diego Rodrigues Gonçalves Solaine Gotardo	
DOI 10.22533/at.ed.2822023061	
CAPÍTULO 2	13
CAMELÔS E PREFEITURA MUNICIPAL: TERRITORIALIDADES E CONFLITOS NO CENTRO COMERCIAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.2822023062	
CAPÍTULO 3	26
SOBRE DUALISMOS E COMPLEMENTARIDADES: NA CIÊNCIA, A FLUIDEZ EM PERSPECTIVA	
Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023063	
CAPÍTULO 4	45
AS CATEGORIAS: REGIÃO, COMUNIDADE E TRADICIONAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DO GRUPO SOCIAL DE CANABRAVA	
Letícia Aparecida Rocha Edivaldo Ferreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023064	
CAPÍTULO 5	59
A MEDIAÇÃO COMO MÉTODO ADEQUADO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA SEARA FUNDIÁRIA NA AMAZÔNIA	
Jessyca Fonseca Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2822023065	
CAPÍTULO 6	71
A MISSÃO FRANCESA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS <i>ANNALES</i> NO BRASIL NOS ANOS 30	
André Augusto Abreu Villela	
DOI 10.22533/at.ed.2822023066	
CAPÍTULO 7	88
A REVOLTA NOBILIÁRIA DE 1272/1273 NA CRÔNICA DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Luiz Augusto Oliveira Ribeiro Jaime Estevão dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.2822023067	

CAPÍTULO 8	100
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DIÁLOGOS EMANCIPATÓRIOS EM PODCAST E VIDEO	
Vera Borges de Sá Isabelle Barbosa da Silva Julianne Ferreira de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.2822023068	
CAPÍTULO 9	111
IDENTIDADE E DIFERENÇA: NOTAS INTERDISCIPLINARES PARA A PESQUISA JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS	
Diana Cibele de Assis Ferreira Halda Simões Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2822023069	
CAPÍTULO 10	121
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AGENDA SOCIAL QUILOMBOLA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS	
César Augusto Fernandes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28220230610	
CAPÍTULO 11	136
INVESTIGAÇÃO DO DIMORFISMO SEXUAL EM ESQUELETOS HUMANOS ATRAVÉS DA MEDIÇÃO DOS OSSOS DO QUADRIL	
Ellen Mayara Lima Silva Marcela Martins da Silva Nascimento Taciana Rocha dos Santos Carolina Peixoto Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.28220230611	
CAPÍTULO 12	143
O ETERNO RETORNO DOS MORTOS E DEUSES: UMA LEITURA DO CONCEITO EM <i>ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAI</i> S	
Maria Carolina Moreira Moracci	
DOI 10.22533/at.ed.28220230612	
CAPÍTULO 13	154
LEIBNIZ: UM HOMEM A FRENTE DE SEU TEMPO, FILÓSOFO, MATEMÁTICO E CRISTÃO ECUMENICO	
Izaías Geraldo de Andrade Maria das Dores Andrade de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.28220230613	
CAPÍTULO 14	167
MEMÓRIA COLETIVA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	
Leila Sala Prates Ferreira Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.28220230614	

CAPÍTULO 15	176
MIGRAÇÕES E MOBILIZAÇÃO PARA O TRABALHO NA HISTÓRIA DA MODERNIZAÇÃO	
Allan Rodrigo de Campos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28220230615	
CAPÍTULO 16	189
MULTIDIMENSÃO DAS DEMÊNCIAS EM IDOSOS	
Márcia de Oliveira Siqueira	
Leonardo Saraiva	
Lia Mara Wibelinger	
DOI 10.22533/at.ed.28220230616	
CAPÍTULO 17	198
OS EFEITOS DO CONSUMISMO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: O DESCARTE DO OUTRO NA MODERNIDADE LÍQUIDA	
Matheus Luiz de Souza Céfaló	
DOI 10.22533/at.ed.28220230617	
CAPÍTULO 18	214
PARADIGMAS DE DESENVOLVIMENTO NA ERA DO NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA: AS MUTAÇÕES DO CAPITALISMO E O PAPEL DA CRÍTICA	
Natália Sant Anna Torres	
DOI 10.22533/at.ed.28220230618	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

LEIBNIZ: UM HOMEM A FRENTE DE SEU TEMPO, FILÓSOFO, MATEMÁTICO E CRISTÃO ECUMENICO

Data de aceite: 17/06/2020

Izaias Geraldo de Andrade

Doutorando da Universidade Católica de Pernambuco. izaiasgandrade@yahoo.com.br

Maria das Dores Andrade de Barros

Pós- graduanda .poetisadeolinda@gmail.com

1 | INTRODUÇÃO

Refletiremos sobre o “Discurso de Metafísica” de Leibnz. Ambientado entre 1646 e 1716, foi um homem do futuro. Souza, (2015), filósofo complexo, matemático competente e cristão ecumênico, na época dos conflitos religiosos europeus, foi ofuscado¹ pela sociedade de seu tempo, mas contribuiu com questões necessárias à Filosofia e à vida contemporânea.

Porque a Metafísica de Leibnz foi desconsiderada quando publicada? Este é o questionamento de nossa reflexão. Utilizaremos a Análise do Conteúdo pela qual procuraremos refletir sobre: o homem, o filósofo, o matemático e o religioso. O

panorama pertinente as ideias de 60% de seu “Discurso de Metafísica” liga esses quatro aspectos de sua vida sob uma ótica contextualizada com o homem, seu tempo e a atualidade. Leibnz está inserido na História Moderna (1453 a 1789), Oscar, (1999), tradição intelectual entre Renascimento e Iluminismo, ascensão do cartesianismo e descobertas de Isacc Newton.² A Germânia, lar de Leibnz, só tornou-se estado moderno entre 1870/1871. Órfão paterno e socioeconomicamente bem, vai orbitar na periferia das elites político-econômicas.

Começou intelectualmente muito cedo, autodidata eficiente, dissertou sobre direito, teologia, filosofia e ciência. Boa parte de seus escritos não foram publicados em vida, mesmo associados à intelectualidade da época. As questões de seus escritos ficaram para as discussões pós-morte e pós-modernas, uma vez, eclipsado pela hegemonia acadêmica, como diria Tomas Kuhn³.

1 SOUZA, André F C de. **Dez lições sobre Leibnz**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 18 e 19.

2 OSCAR, Aquino Jacques Denize. **História das sociedades – das sociedades modernas às sociedades atuais**. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 1999, p. 99 à 103

3 FEIJÓ, Ricardo. **Metodologia e Filosofia da Ciência: aplicação na teoria social e estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2003.

2 | AS TRÊS CATEGORIAS ESSENCIAIS DE LEIBNZ

O Filósofo disserta com os temas de sua época, mais negligenciado pelos pares ingleses e franceses, 'As suas investigações metafísicas', concilia Renascimento, Iluminismo e Metafísica Tradicional, essa apegada ao conceito de 'entre'⁴ e conseqüentemente a reconstrução de uma nova ontologia racional moderna. A fragmentação da Cristandade pelo individualismo protestante, ainda processava a relação razão e fé. Grodin (2012), uma frente de debates filosóficos era a radicalização da mudança da metafísica teológica, para a racional, essa mudava todo discurso filosófico negando as entidades teológicas e, a visão tradicional cristã. O resultado foi a reivindicação dos cétricos de uma nova ética racional que se acreditava surpreender o mundo e a qual se bastasse.

Esse movimento explicita-se na Revolução Francesa e sua história culmina com a morte de Deus segundo Nietzsche. A Metafísica da razão substitui a teológica mudando a natureza dos entes. Leibnz procura um caminho intermediário apesar de inatista⁵. O empirismo contraria a Metafísica tradicional e as tentativas de conciliação entre ela e uma nova. Chauí, (2011), e o racionalismo radical ataca os pressupostos metafísicos e o embate entre Metafísica cristã, Metafísica racionalista e o empirismo, favorecem o racionalismo radical de maior plasticidade e estrutura discursiva.

O matemático se destaca chegando a inventar o cálculo diferencial ao seu modo, e, entrando em controvérsia com Newton, no entanto, hoje tem importância primordial na matemática contemporânea. Também preocupado com o sistema lógico aristotélico, procurou estabelecer uma linguagem matemática que contribuísse para solução de problemas entre as retóricas das teorias científicas, filosóficas, e do Direito, bem como da linguagem em geral, SOUZA, (2015). Hoje o conhecimento do sistema de informática prescinde do sistema binário de numeração e comunicação inspirado em sua lógica. Usamos seu cálculo diferencial, sua lógica matemática e sua prática, indiscutíveis contribuições que usufruímos atualmente do filósofo, de sua matemática, e da sua busca pela síntese do Universo.

O cristão Ecumênico de Leipzig se mostra com sua Metafísica conciliatória e obras que discutem temáticas aparentemente religiosas. Nascido protestante, assim continuou até sua morte, o que não o impediu de relacionar-se com autoridades e governantes de todos os credos. A atividade de Leibnz, tanto quanto seu estilo teórico foi sempre conciliatório. Segundo interpretes⁶, buscou sempre uma teologia eclética no cristianismo no caminho de considerar as teologias talvez até complementares. Isso revela seu ecumenismo, uma vez que, mesmo sendo protestante não fazia acepção de credo nos seus relacionamentos. Então o homem, o filósofo, o matemático e o cristão se unem numa teoria complexa sobre os questionamentos primordiais (Quem sou? De onde vim? Para onde vou?).

O racionalista simplificaria essas questões, respondendo: semelhante a Deus; Do seu

4 MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Trad. de António José Massano e Manuel Palmeirim. Publicações Dom Quixote. Lisboa 1978. O ente e a ontologia?

5 Ver, p. 95. CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14^o Ed. Rio de Janeiro: CIP. 2011.

6 FICHANT, M. Da substância individual à nômada. *Analytica*, vol. V. 2000. E, SOUZA, André F C de. **Dez lições sobre Leibnz**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

plano; Para o melhor. Obviamente o Deus de Leibnz não é tão simples, razão de tudo, substância primeira, para um leigo religioso de antes e de hoje, provavelmente ele assim poria as respostas as perguntas primordiais. Leibnz sob a óptica pós-moderna é filosoficamente um metafísico universalista que mostra a importância das grandes narrativas. BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. (2004), o universalismo pluralista vigente nesses tempos pós-modernos, aliás, carente de grandes reflexões para o cotidiano, vislumbra não que não existe mais Metafísica, mas que não se necessita teorizar sobre grandes narrativas, pois o mundo do “aqui e agora”⁷ impera como se fosse uma metafísica medíocre, pois prevalece a realidade dos dominantes/governantes do mundo ocidental que praticamente negam a possibilidade de planos futuros, inclusive materiais, alegando ironicamente como falava de Leibnz, do “melhor dos mundos” impondo-nos a perspectiva de suas realidades de privilegiados sem espaço para críticas sobre a situação dos marginalizados e do futuro do planeta ameaçado pelas ações humanas. Como se debruçar sobre o passado (as origens), o presente (a realidade) e o futuro (as perspectivas de longo prazo). A Metafísica num certo sentido leigo é uma introspecção no passado no sentido do começo, um diagnóstico e sentido do presente, e um plano estabelecido para o futuro.

Fichant (2000), Discurso de Metafísica; Escritos Filosóficos; Novos ensaios sobre o entendimento humano e outros, são exemplares no encontro do sentido subjetivo e coletivo da interpretação atual sobre o pensador. Como matemático, Leibnz, tinha preocupações com a lógica pura e linguística que posteriormente vão ser consideradas Wittgensteiniana⁸, embora a função da lógica matemática de Leibnz fosse procurar um melhor caminho para resolução de problemas na área do Direito. O estabelecimento e aperfeiçoamento da tautologia, com o reforço da teoria do terceiro excluído não vai impedir o matemático de criar a categoria das contingências envolvidas com a abertura de uma relatividade acerca das ditas verdades factuais, em contrapartida as verdades universais e ou necessárias, uma complexidade interdisciplinar que ironicamente está para época como a de Morin, (2008), está para atualidade. O pensamento leibnziano vai mais longe combinando com o racionalismo aristotélico e um tanto de matemática moderna, dos seus polinômios, ao cálculo diferencial, influencia a lógica moderna e a geometria somada à força arquetípica do universo. Basicamente tudo que compõe o mundo moderno e racionalista, exceto o fato de que Leibnz acredita no arquiteto universal. Ironicamente essa última convicção de Leibnz coloca-o na racionalidade moderna e pós-moderna simultaneamente, pois os racionalistas modernos, Leite (2015), não eram majoritariamente materialistas e o pensamento atual está vacinado do racionalismo materialista radical. Vê-se hoje na Ética uma ‘substancia’ capaz de assumir o lugar do ontológico e suavizar a miséria dos significados que se perderam na pulverização dos modos de vida pós-modernos, civilização da quantificação matemática, e sua consequência esvaziadora da qualidade (substancia) da vida, Leibnz já criticava a quantificação do mundo e universo.

7 Ver, p. 100 (Tempo espetacular) e 133 (Ideologia Materializada). DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Tradução: Railton Sousa Guedes. eBooksBrasil.com. <http://www.cisc.org.br/porta/biblioteca/socespetaculo.pdf> 18/03/2020

8 ARRUDA JUNIOR, Gerson Francisco de. Dez lições sobre Wittgenstein. Ed. Vozes, 2017.

3 | ANÁLISE DO CONTEÚDO DO “DISCURSO DE METAFÍSICA” DE LEIBNZ

O texto que começa com a Metafísica Medieval evoluindo em direção a escolástica e sintetizando essas com o racionalismo matemático e linguístico moderno, Leibnz culmina seu discurso com uma confissão de Fé não antes de reformular em termos conciliatórios tradicional e moderno, subjetivo e mecânico, sentimental e racional, a ontologia metafísica que vinha sofrendo ataques constantes dos “modernos” radicais.

O filósofo disserta e teoriza o que são as substâncias enveredando para hierarquização e complexificação das mesmas, introduzindo a força como substância essencial e negligenciada pelos racionalistas e empiristas radicais. Incorpora a ética/moral no discurso metafísico enfatizando as dimensões, ontológico e ôntico abrindo espaço também para a biologia e antropologia no discurso metafísico. E por fim equacionando grandezas substancias/entes, como comportamento humano e natureza da razão, todos simplificados ao denominador comum do onipresente, onisciente e onipotente que dilui suas qualidades infinitas no amor, esse à moda agostiniana.

I- **“Da perfeição divina e de que Deus faz tudo da maneira mais desejável”**. A crítica dele que fundamenta a Razão é perfeita, os filósofos modernos não a consideram. Raciocinando sobre os entes geométricos Leibnz considera as imperfeições destes e de substancias necessárias, por isso, para ele, elas não podem explicar as causas primeiras e ou finais. É preciso nesse caso algo que conceba as formas geométricas, pois elas não se constituíssem por si mesmas. Evocando duas das qualidades primordiais atribuídas a divindade judaico-cristã, o filósofo insinua que poder e ciência respectivamente como onipotência e onisciência são perfeições só atribuídas à razão divina. De onde se infere que tanto o Universo Físico, como o Moral/Ético estão sob as atribuições racionais em última análise. Daí decorre uma junção problemática, tanto para os modernos, quanto para os escolásticos, visto que o pensamento Moderno tende a separar moral/ética da physis. Pois, acredita que são dimensões incompatíveis ao extremo, Nicolau Maquiavel, e seu “Príncipe”, concebe a política como conhecimento prático, que é incompatível com onipotência divina e sua suprema bondade. Ainda mais a ideia, medieval de homem como pecador natural, que aproxima as criaturas corpóreas, mais do mal, que do bem. Leibnz via o homem como substância necessária e menos perfeita que a divina razão, mas mesmo assim essencialmente boa/do bem.

II -**“Contra aqueles que sustentam que não há bondade nas obras de Deus: ou que as regras da bondade e da beleza são arbitrárias”**. Aqui o autor ataca a ideia de um mundo mal concebido. Á época de seu discurso atacava-se a religião em sua institucionalidade e em sua prática, isso levaria basicamente a dois caminhos: primeiro, negar a (a) religião criticando-a como poder institucionalizado e ou como práticas supersticiosas; segundo, negando a relação ou mesmo a existência da racionalidade divina com o mundo prático/material. Em ambos os casos se trata de uma crítica social e política muito forte ao pensamento medieval. A despeito dessas opiniões, hoje temos a psicologia na sua competência e a própria Ciência Política. De qualquer forma toda crítica bem fundamentada

é válida cientificamente e no caso desse item do ‘Discurso’ de Leibniz criticava-se o excesso pessimista dos que combatiam a tradição filosófica. Então para combater essa crítica vigente de sua época, o filósofo dizia que, “é pelas obras que se pode descobrir o operário”. Leibniz e sua opinião sobre a harmonia universal e a teoria do “Melhor dos Mundos”, lembra que existe toda uma tradição racional filosófica por traz de suas posições, agostiniana, tomista e moderna.

III -“contra aqueles que creem que Deus poderia fazer melhor.” Leibniz menciona as Sagradas Escrituras como fonte de suas inferências sobre a harmonia universal e a “Teoria do Melhor dos Mundos”. O autor do discurso usou primordialmente três fontes para sua dissertação: A Racionalidade aplicada a exemplo matemático, a Lógica aplicada á retórica dialética, e a Sagrada escritura. No primeiro caso: afinado com o racionalismo contemporâneo; no segundo a lógica dialética afinada com discurso metafísico; e no terceiro as escrituras afinadas como legado tradicional. A filosofia e a ciência em relação ao racionalismo radical, ao discurso retórico lógico dialético e a consideração das Escrituras como fontes do conhecimento contrastava com: os franceses do racionalismo radical; os ingleses, empiristas; e outros teóricos de partes distintas da Europa que orbitavam em volta dessas potências políticas e sociais. Assim uma filosofia alemã original e independente enfrentava desafios, ainda mais citando as Escrituras sagradas como fonte de conhecimento para seu discurso, visto que o laicismo, o anticlericalismo e o antitradicionalismo, levaria os filósofos iluministas pouco tempo depois, nomearam a Idade Média como idade das trevas e muitos filósofos viam como anedota a afirmação de Leibniz de “que Deus não faz coisa alguma pela qual não merece ser glorificado”.

IV -“Que o amor de Deus exige uma inteira satisfação e aquiescência no tocante ao que ele faz sem que para isso seja preciso ser quietista.” A afirmação de que o pensamento de que Leibniz era ingênuo e conformista se contrapõe a esse item no seguinte trecho: “quanto ao futuro, não é preciso ser quietista, nem esperar, ridiculamente, de braços cruzados, o que Deus fará, segundo o sofisma que os antigos chamam de *logon, áergon*, a razão preguiçosa, mas é preciso agir”. Esse argumento é contra as críticas negligentes de que seu pensamento apregoava a passividade diante do mundo. Leibniz como a maioria dos filósofos de sua contemporaneidade tinha muito cuidado no expressar-se sobre as mudanças, pois suas atividades eram patrocinadas por indivíduos ou grupos abastados financeira e politicamente. A crítica sobre passividade política de Leibniz resvala sobre toda classe filosófica de seu tempo. Nos séculos 19 e 20 quando a Filosofia ética-política se torna mais escolha que sociopolítica, é que os filósofos vão se tornar mais críticos quanto ao poder político. Magalhães (2015), Karl Marx pôs fogo na antiga cartilha de filosofar e praticá-la, e é preciso lembrar que o surgimento das classes médias e a contradição de seus interesses não fazem parte do contexto leibniziano nem de seus contemporâneos.

V-“Em que consiste as regras de perfeição e como a simplicidade das vias está em equilíbrio com a riqueza dos efeitos”. Para Leibniz ocorre o governo das coisas por uma razão divina e perfeita, inclusive o governo dos estados. E se um governo ou estado precisar mudar isso vai acontecer através das ações humanas, que com a ideia do “melhor

dos mundos possíveis”, dotado de razão a mudança poderá acontecer se tiver razão no esquema dos possíveis mundos escolhidos pela razão divina na sua onisciência. Um estado é um ente/ser e sobre os seres assim diz Leibnz: “os mais perfeitos de todos os seres e que menos ocupam volume, isto é, que menos se impedem, são os espíritos, cujas perfeições são as virtudes”. Mas para Leibnz as substâncias mais próximas da perfeição resguardam para si o direito de ter almas e espíritos, e os estados são entes/substâncias/seres que embora não sejam palpáveis materialmente encerram grande importância na hierarquia das substâncias já que tem caráter imprescindível à existência da sociedade humana, forma dele uma espécie de entidade sublime, quanto a isso Agostinho dissertou e pregou sobre a “Cidade de Deus” o que seria o equivalente até certo ponto, dizer: Estado de Deus; República de Deus; ou Reino de Deus, esse último tido como o mais justo e racional.

VI -“Que Deus nada faz fora da ordem e não é possível nem mesmo fingir eventos que não sejam regulares”. E “As vontades ou ações (racionais) de Deus são comumente divididas em ordinárias e extraordinárias”. O mundo é ordenado e racionalizado de acordo com o projeto original do ‘melhor dos mundos’ apesar de se enunciar que o arquiteto projetou o universo com onipotência e onisciências sendo onipresente nele. E nele também possibilitando os ‘mundos possíveis’. Na dimensão, do ordinário, o livre arbítrio impera estabelecendo um nível particular de relação entre os entes/substâncias extraordinários e ordinários. Os eventos são relações, entre sujeito e predicado não podendo fugir a lógica da razão divina, mesmo os contingentes que diferente das tautologias e das contradições segue por caminhos confusos para os homens, mas que estão previstos como ‘mundos possíveis’ para razão sublime. CERTEAU (2011), Daí pode-se dizer, que no plano histórico as diversas posições sociais, políticas e religiosas que se constituíam, por exemplo, o panorama da nação alemã dividida em pequenos estados, assim como a divisão e distinção entre eles, quanto às opções religiosas, são situações ordinárias direcionadas e escritas por ‘homens’ para homens. Leibnz previa essa questão dentre as possibilidades de mundos racionalmente cabíveis para a racionalidade plena de um destino que não se impõe, mas se mostra com a razão possível para os humanos.

VII-“Que os milagres são conformes à ordem geral, conquanto sejam contra as máximas subalterna, e do que Deus quer ou permite, por uma vontade geral ou particular”. Os milagres não são fatos extraordinários racionalmente falando, pois para Leibnz eles “estão na ordem tanto quanto as operações naturais, que se chamam assim porque são conformes a certas máximas subalternas que chamamos de natureza das coisas”. Assim é da natureza dos milagres eles serem incompreensíveis à razão humana. O filósofo tem ideia que uma vez incompreensível, um milagre pode por artifício da razão, ser compreendido, em última análise, está ao alcance da racionalidade divina, a qual as almas superiores ou os espíritos podem acessar ao entrar no plano racional próximo da divindade. Ele entra no mérito de ações boas e más: “pois se a ação for boa em si mesma, pode-se dizer que Deus a queira e a ordene... Mas se for má em si mesma e só se tornar boa por acidente, por que a consequência das coisas, e particularmente o castigo e a satisfação corrigem sua malignidade e recompensa seu mal com usura”. Para ele a razão divina não quer o mal, mas

por causa do livre arbítrio o permite. Então o livre arbítrio com sua natureza benéfica sendo impossível que dele surja consequência ou efeito maléfico absoluto.

VIII-“Para distinguir entre as ações de Deus e as das criaturas, explica-se em que consiste a noção de uma substancia individual”. Para fazer tal distribuição Leibnz recorre ao conceito de substancia individual dizendo que se trata “sempre... [de dar] vários predicados a um mesmo sujeito, e não se atribui esse sujeito a nenhum outro” predicado. Para ele sendo essa explicação apenas nominal é preciso que toda predicação verdadeira tenha algum fundamento na ‘natureza das coisas’, ou seja, se existe comprovação espaço temporal, histórica, da relação entre o sujeito e seu predicado, sendo que não podem existir sujeitos com predicados idênticos e as qualidades e ações do sujeito precisam estar compreendidas no próprio sujeito. Ele cita o rei Alexandre, e não a substância individual, enquanto a posição de ‘ser Alexandre’ o grande é tal substancia individual. Disso decorre que ‘substancias individuais’ tem alma e ou são espírito gozando da razão e do livre arbítrio. No caso de uma crítica racional, mas não individual/subjetiva Leibnz vai agir em relação a seus pares, vendo outros filósofos como substâncias não individuais com suas teorias, seriam o que podemos chamar de critério de impessoalidade, e isso é muito importante na teoria dele que segundo interpretes foi ignorado pelos seus contemporâneos. A despeito de não ter sido correspondido nas cartas aos seus pares, parece que Leibnz usou o mesmo raciocínio filosófico, ignorou os indivíduos e pontuou falhas e as poria em suas teorias.

IX-“Que cada substancia singular exprime todo o universo à sua maneira e que em sua noção todos os seus eventos estão compreendidos com todas as suas circunstâncias e toda a sequência das coisas exteriores”. O filósofo reporta-se a pernosticidade de alguns filósofos de seu tempo sobre temas filosóficos. Para ele, já que só a razão divina tem acesso à perfeição, de modo, acadêmico, Leibnz iguala-se aos seus pares. Seus raciocínios, sentimentos e paixões fizeram-no demonstrar racionalmente sua paridade com relação aos concorrentes e suas teorias. Quando introduziu a força na discussão sobre o funcionamento do universo. Força e vontade obrigaram o filósofo a inverter a lógica que vinha sendo posta gradualmente sobre o antropocentrismo do mundo. Ao dar ênfase a antropologia Leibnz teria que cair na lógica de seus adversários, por um lado ou por outro. Se o universo é mecânico e corpóreo, o homem poderia aproxima-se das leis da mecânica e dos corpos dominando o mundo, mas se por outro lado o mundo é obra exclusiva da razão divina sem auxílio humano, teocentrismo, o homem nada poderia sobre seu destino como substância singular. Ele explorou outra via e para isso usou como argumento o homem foi criado a “imagem e semelhança de Deus”, Razão. A partir de então demonstrou todo um sistema hierárquico dos entes/coisas.

X-“Que a opinião das formas substanciais terá algo de sólido, se os corpos forem substâncias, mas que estas formas não mudam nada nos fenômenos e não devem ser empregadas para explicar os efeitos particulares”. Ao deslocar a ênfase do discurso metafísico dos corpos e movimento para uma força motriz, Leibnz precisa se apoiar em uma autoridade que definisse força e vontade, nada havia sido descoberto sobre as leis da energia e força. O que definia o poder e com esse a força era a teoria da onipotência divina,

ele não tinha outra opção se não a tradição judaico-cristã católica, isso soou como retrocesso, quando na realidade foi o complemento da equação sobre o funcionamento do Universo que precisa da força e energia para existir. Dentre os motivos que podemos citar para a teoria de Leibnz não ser incorporada as discussões hegemônicas sobre o funcionamento do universo de seu tempo, temos: Leibnz não havia tomado partido quanto as correntes em disputa, visto que seu raciocino era conciliador; depois, que não tendo estudos filosóficos puros para se apoiar, retornou a Teologia para harmonizar sua teoria. A inclusão da onipotência como substância e grandeza universal deu coerência e racionalidade a sua teoria. Isso não atendia aos interesses sociopolíticos dos poderosos, assim foi negligenciado, mas possivelmente uma leitura apropriada das ideias dele inspirou a inclusão de forma laica da força e da energia como elementos primordiais do Universo.

XI-“Que as meditações dos teólogos e filósofos chamados escolásticos não devem ser desprezadas”. Para Leibnz a reabilitação da escolástica é paradoxal religiosamente, mas necessária. A reforma religiosa do século XVI retomou o platonismo. Por isso a reabilitação do tomismo causaria um mal estar nos meios teológicos protestantes, visto que eram concorrentes dos católicos e o tomismo era essencialmente católico. Por outro lado, a filosofia buscava traçar um caminho divergente da teologia, libertando-se de seu julgo medieval. Travava-se uma batalha interna cujo critério era separar Ética essencialmente humana e demasiadamente antropológica e teológica das reflexões sobre o funcionamento físico do universo. Para os filósofos modernos seria um erro primário voltar à tradição regida pela ética judaico-cristã, no entanto o que os modernos não sabiam era que Leibnz havia encontrado um elemento fundamental para o entendimento do funcionamento físico do universo como conhecemos hoje, a saber a grandeza da força que por sua vez exigia considerações sobre a energia, essa estava encoberta pelos conceitos de onipotência e vontade divina e amor como bem maior, substancias essencialmente teológicas e éticas. Apesar da teoria da gravidade de Newton, Leibnz esteve mais da teoria geral do funcionamento do universo como conhecemos, visto que a força é elementar à a gravidade.

XII -“Que as noções que consistem na extensão encerram algo de imaginário e não poderiam constituir a substância dos corpos”. Leibnz considera as substancias por uma ótica além da escolástica. Buscando conciliá-la com o racionalismo moderno, mas a substância pura, ou seja, na sua ‘extensão’ não se equivale às substâncias singulares que prescindem de corpos e em muitos casos são palpáveis. O imaginário que ele cita é algo mais para o ideal que o existente material, além disso, os modernos procuram erradicar as teorias sobre as substancias ficando apenas com o racionalismo radical e empirismo radical. Ele discorda dos contemporâneos e é a teoria dele, que de forma geral chegará naquela época próxima do entendimento pós-moderno sobre o Universo. Apesar de ser inatista é uma teoria formada por um discurso aberto ao aperfeiçoamento, Diz ele: “toda natureza do corpo não consiste somente na extensão, isto é na grandeza, figura e movimento,... é preciso necessariamente reconhecer... relação com as almas e que se chama vulgarmente de forma substancial”. Quando fala do imaginário, está contestando que a substância pura possa se incluir diretamente na natureza das singulares. Assim separa o mundo das ideias

substanciais, do mundo das substancia singulares, exceção a onipotência divina dentro desse raciocínio, pois ela está no topo da hierarquia das entidades substanciais.

XIII-“Como a noção individual de cada pessoa encerra, de uma vez por todas o que lhe acontecerá para sempre, nela se vêem as provas a priori da verdade de cada acontecimento, ou por que um aconteceu em vez do outro; mas estas verdades, conquanto asseguradas, não deixam de ser contingentes, estando fundadas no livre arbítrio de Deus ou das criaturas, cuja escolha tem sempre suas razões que inclinam sem necessitar”. O exemplo de Júlio César foi usado por Leibniz para materializar as teorias das substancias necessárias e sua relação com as substâncias singulares, realidade histórica e sua lógica da contingência, o filósofo demonstra, que além da teoria do ‘Melhor dos Mundos’ e da perfeição e bondade divina, na materialidade as verdades são relativas à capacidade de acessar o conhecimento. E as realidades são alternativas possíveis, cabendo aos sujeitos que a incorporam também realizá-las. Certos predicados como o de ser rei/general/ditador não decide sobre seu destino que até certo ponto independe dos planos da Razão divina, visto que essa delegou a gerência da vida material ao sujeito que a vive. É fato que existe uma meta para humanos, a ser alcançada (o melhor dos mundos possíveis), mas como caminha até atingir tal meta é uma tarefa do sujeito de livre arbítrio. O problema estaria no fato de que o homem ou sujeito tem o conhecimento confuso, não apenas pela sua natureza, mas principalmente por só conhecer, a contradição, a contingência e não refletir e agir segundo as verdades necessárias, visto que põe suas paixões primárias à frente das reflexões racionais e necessárias. O ‘melhor dos mundos’ racional material é o ordinário, que cabe ao livre arbítrio.

XIV-“Deus produz diversas substâncias segundo as diferentes visões que ele tem do universo, e, pela mediação de Deus, a natureza própria de cada substância determina que o que acontece a uma corresponda ao que acontece a todas as outras, sem que ajam imediatamente umas sobre as outras”. Uma espécie de emanção divina conserva e produz substâncias, mas a teoria de Leibniz não é tão simples, pois também para ele “É muito verdade que as percepções ou expressões de todas as substâncias se entrecorrespondem de sorte que cada um, seguindo com cuidado certas razões ou leis que observou-se encontrar com o outro que faça o mesmo, como quando varias pessoas, tendo combinado de se encontrarem juntas em algum lugar em certo dia prefixado, o podem fazer efetivamente se quiserem”. A Filosofia moderna marchava em direção às separações entre metafísica e teologia e o materialismo mecanicista, Leibniz continuava buscando aperfeiçoar uma filosofia que pudesse comportar a particularidade dessas dimensões e ao mesmo tempo sua união como num corpo composto por vários membros. É possível que ele tenha se preocupado com a relação que o protestantismo passou a manter em relação à Ciência, como se ele soubesse que esse comportamento levaria a filosofias e ciências que não só se purgariam de religião/teologia e filosofia, como mesmo da Ética.

XV-“A ação de uma substancia finita sobre outra consiste apenas no aumento do grau de sua expressão, junto à diminuição da outra, enquanto Deus as obriga a se acomodarem juntas”. Nesse caso, por exemplo, se tivermos como substancia finita

e ordinária o relacionamento entre Leibnz e seus concorrentes racionalistas radicais e empiristas, ao nível formal lingüístico e prático “basta... para conciliar a linguagem metafísica com a prática, notar que nós nos atribuímos mais e com razão os fenômenos que exprimimos mais perfeitamente, e atribuímos às outras substancias, o que cada uma exprime melhor”, ele continua falando sobre o relacionamento entre verdades tautológicas e contingentes dizendo que “uma substância de extensão infinita, exprime tudo se torna limitada pela maneira de sua expressão mais ou menos perfeita”. A perfeição é marcada pela clareza racional com que se apresenta uma substância/ente, seja pelo seu perfil racional e ou virtude, seja pela impossibilidade de ser refutada pela razão ou confundida com outra substância. Os filósofos modernos negligenciaram o talento e racionalidade de Leibnz, pois se negava a recortes epistemológicos entre, físico e não físico: O espiritual e metafísico; racional e sensível; e o sensível e o empírico etc.. Até os germânicos terem suas academias filosóficas e científicas, ele não foi levado a sério, daí a criação da Academia de Berlim pelo próprio Leibnz.

XVI -“O concurso extraordinário de Deus está compreendido no que a nossa essência exprime, pois esta expressão se estende a tudo, mas ultrapassa as forças da nossa natureza ou nossa expressão distinta, a qual é finita, e segue certas máximas subalternas”. O estatuto do extraordinário que a divina razão exerce sobre as substâncias ordinárias e as substâncias necessárias é um recurso compreensível na integralidade, apenas pela razão divina, embora seja possível que os sujeitos como substâncias vertidas da razão divina, possam entender intuitivamente, que pessoas/substâncias são conseqüências da própria natureza da substância supranatural e compartilham com ela sua filiação. Leibnz tem a seu favor o fato de que a Ciência e a Filosofia de sua época são limitadas e o que era milagre, hoje é conhecido e explicado. Por outro lado o filósofo não consegue pensar o mundo possível como algo não integral, compartimentado pela modernidade que subtraía da sabedoria filosófica as ciências como as compreendemos hoje. O vínculo da ciência com a Ética é um *a priori*, e as compartimentações, ao mesmo tempo, que reduziram a Filosofia e expandiram maravilhosamente os conhecimentos disciplinares nos trouxe a uma ciência altamente eficiente e aplicada à realidade material. Mas sua filosofia, conquanto não seja *ipsis litteris*, adequada à pós-modernidade inspira-nos buscar por conciliar de novo e eficientemente Filosofias Éticas, Antropologia e principalmente as diversas Ciências aplicadas atuais.

XVII -“Exemplo de uma máxima subalterna ou lei da natureza. Onde é demonstrado, contra os cartesianos e vários outros, que Deus conserva sempre a mesma força, mas não a mesma quantidade de movimento”. As controvérsias contra o racionalismo mecanicista tomou muito das energias de Leibnz e, diga-se de passagem, literalmente Energia e sua companheira, a Força, são os vocábulos que destruiriam o mecanicismo que privilegiava principalmente o movimento e os corpos. O filósofo vai questionar sobre essas substâncias e sua capacidade de se auto gerir. O que gera corpo e movimento? Dessa forma chegou à conclusão que Força é uma grandeza negligenciada pelos cartesianos e assim diz: “o Sr Descartes, e muitos outros hábeis matemáticos, acreditaram que a quantidade de movimentos, isto é a velocidade, multiplicada pela grandeza do móvel convém inteiramente

à força motriz, ou,... geometricamente, que as forças são em razão compostas da velocidade e dos corpos”. Para os cartesianos a força era resultado da massa e do movimento corporal, mas Leibnz discorda, vendo nos fenômenos universais a grandeza da força, isso levará a perguntar sobre o que é mesmo a força/energia e donde vem? Marcando um novo capítulo sobre o entendimento da física universal. Newton negligenciou o papel da força e da energia. Refazendo cálculos e citando Galileu, Leibnz diz: “a força deve ser estimada pela qualidade do efeito que ela pode produzir,... Descartes... caiu aqui no erro” e seus discípulos o repetiram.

XVIII-“distinção entre força e quantidade de movimento é importante, dentre outras coisas, para julgar que é preciso recorrer a considerações metafísicas separadas da extensão a fim de explicar os fenômenos dos corpos”. Leibnz está certo, mas o problema é que no seu momento histórico por falta de teorias sobre força e energia e por causa das suas convicções inspiradas no pensamento medieval ele usou o protótipo da força divina referenciando-se no gênese e na onipotência de Deus. Sua escolha é racional uma vez que as dissertações e teses prescindem de razão, mas também de argumentos de autoridade, ambos científicos até hoje. Que todos os movimentos prescindem de força, mesmo naquela época esse raciocínio não era absurdo, pelo contrario a negação da força é um recurso filosófico e matemático para não cair em abstrações incoerentes nem no teísmo radical dos teólogos de plantão á espreita para retomarem o teocentrismo de outrora. Além, da concorrência entre Leibnz e os ilustres de seu tempo existe também uma disputa entre o teocentrismo e antropocentrismo. Ele pondera essas contendas, bem como sua posição teórica no geral é sempre conciliatório, fato que pode ser ligado ao sonho de uma nação germânica unida, a despeitos de suas, religião e política, naquela época polarizada entre católicos e protestantes e divididos entre outras concepções de razão, estado, salvação, graça e mesmo de Deus.

XIX -“Utilidades das causas finais”. Ao retornar ao tema inicial do “Discurso de Metafísica” põe-se que as causas finais da física não podem ser descartadas sem que haja prejuízos para a percepção da realidade física e da dimensão metafísica. Diplomático, Leibnz discorre sobre as teorias e os teóricos modernos que “perigosamente” negam as causas finais. Diz ele que: “é preciso buscar o princípio de todas as existências e leis da natureza, por que... [a substância divina] se propõe sempre o melhor e mais perfeito... estamos sujeitos a nos enganar quando pretendemos determinar os fins... mas só quando os pretendemos limitar a algum desígnio particular.” A desconsideração das causas finais, substâncias necessárias e divinas é uma busca de pulga a filosofia de categorias teológicas como, amor, por exemplo, no entanto naquele contexto não ficava claro separar a amizade à sabedoria, do estudo das coisas divinas, visto que nesse último caso a teologia, tratava da Moral/Ética e conseqüentemente dos valores, os quais são na realidade toda força matriz de um mundo pertinentemente humano. A vontade humana provida de sentido Ético/Moral é particularmente a entidade fenomênica que faz o mundo existir, pois não havendo essa vontade ética, determinante da humanidade não passaríamos de primatas quaisquer.

XX -“Passagem notável de Sócrates em Platão contra os filósofos demasiado materiais”. O texto discursivo de Leibnz segue primeiro a fixação dos conceitos primordiais

sobre as substâncias, junto com o combate ao materialismo e a refutação das teses racionalistas radicais e dos empiristas, visando conectar coerentemente os principais pressupostos metafísicos com a física moderna. Seu intuito não era negar o poder do racionalismo, mas conciliá-lo com a parte Ética da Filosofia, esse empreendimento não era coisa fácil, embora necessário, pois o discurso filosófico, sem sua reflexão ética, soa incompleto e simplório. Então Leibniz resgata a discussão metafísica dos primeiros pensadores e filósofos, tanto procurando mostrar a antiguidade daquela discussão, que em sua época negligenciou, o ético, o biológico e o antropológico. É evidente que ele não dominava essas duas últimas áreas do saber como as vemos hoje, mas talvez as vejamos como são hoje por que ele diz: “assim, o homem só teria que considerar em si ou em qualquer outra coisa o que seria o melhor e o mais perfeito”. Mesmo considerando a teoria da simplificação caberia ao filósofo questionar: o que é o homem? O que é si próprio? Quais são as outras coisas? O que são o melhor e o perfeito? Essas continuam inspirando a Filosofia e, portanto definindo que o simples não se equivale ao medíocre, e sim ao que é o sentido e o aceito provisoriamente pelo homem para o homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vinte teoremas para estabelecer que a Força e a Vontade divinas sejam os elementos motrizes do Mundo e do Universo o Filósofo menciona onze vezes a palavra, Deus, e no total de trinta e sete teoremas a repete dezenove, superando em mais de 50% os teoremas, nos quais o termo é ausente. Podemos inferir que Deus é o tema central do “Discurso de Metafísica”? Essencialmente, não, porque o próprio título da obra contradiz tal conclusão, tendo então uma problemática complexa, porém como pensava Leibniz de enunciado simplificável. Para equacionar esse problema basta simplificá-lo evocando a concepção Leibniziana de Deus e vinculando-a ao real problema filosófico em aberto até hoje, a saber, os questionamentos primordiais/causas finais e ou as perguntas existenciais.

Na *doxa* Deus e ou deuses são as respostas mais completas para esses questionamentos, no caso de Leibniz, cristão estudioso, Deus é a força motriz, criadora, sustentadora e final de todas as substâncias, principalmente o homem. A categoria, Deus usada pelo filósofo não trata de teologias e ou religiões e a ínfima ciência seiscentista e sua filosofia conheceu apenas parte da equação sobre o funcionamento do Mundo e do Universo, já a Ética antes de ser secularizada era o avançado fruto do milênio de cristianismo. Leibniz sabia da incompletude da teoria mecanicista e cartesiana, dessa forma não segue o fluxo hegemônico dessas ideias, mas procurou a solução para variáveis desprezadas dessa equação. Voltando a Teoria das Substâncias de Tomas de Aquino e aos pressupostos do Deus, onisciente, onipresente e onipotente, ele relacionou a grandeza Força com a onipotência divina e completou o entendimento do funcionamento do Mundo e do Universo com o relacionamento e a submissão das substâncias; Forma e Movimento à Força.

Embora os avanços tecnológicos, fruto do materialismo racionalista e empírico tenham nos legado algo sem precedentes entre os sécs. XVII e meados do XX, a descoberta do

binômio, força e energia foi intuída por Leibnz e é consideravelmente vista no binômio poder e vontade divina. O conteúdo racional idealista concepto de Deus no texto Leibniziano ultrapassa os limites do materialismo e pragmatismo e enuncia que corpos e movimentos se submetem ao poder/força/energia, e ainda insinua algo de biológico e antropológico. A possibilidade de optar por uma Metafísica Integral levou o filósofo a incluir no seu texto elementos de Antropologia, Biologia e Ética. Ao hierarquizar e dimensionar as substâncias criou complexos que se comunicavam entre si, e respondiam as suas próprias leis, que se atrelavam a Força.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Trad. Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1995.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade pluralidade e crise de sentido: Orientação do homem moderno**. Trad. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3º ed. Rio de Janeiro: CIP. 2011.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução: Railton Sousa Guedes. eBooksBrasil.com. <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf> 18/03/2020

GRODIN, Jean. **Que saber sobre: filosofia da religião**. Trad. Lucia Mathilde Endlich Orth. Aparecida: Ideias e Letras, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002.

HOBBSAWN, Erik J. **Era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991**. 3. ed. Trad Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEIBNZ, Gottfried Wilhelm. **Tratado de Metafísica**. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2019
MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Trad. de António José Massano e Manuel Palmeirim. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1978.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reforma o pensamento**. Trad. Elóia Jacobina. 14º ed. Bertrand Brasil, 2008.

OSCAR, Aquino Jacques Denize. **História das sociedades – das sociedades modernas às sociedades atuais**. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 1999.

PEQUENO, Marconi. **Dez lições sobre Hume**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, José Tadeu Batista de. **Ética como metafísica da alteridade em Levinas 2007**. 197f. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Annales 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

Antropologia 29, 46, 61, 76, 77, 83, 85, 112, 119, 120, 124, 133, 134, 136, 137, 143, 153, 160, 163, 166, 196

Araweté 11, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

C

Camelôs 13, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25

Cidadania 69, 100, 102, 103, 104, 110, 121, 127, 130, 184

Ciência 26, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 100, 113, 118, 154, 157, 158, 163, 165, 180

Complementaridades 26, 36, 150

Comunidade 1, 3, 5, 10, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 73, 74, 75, 101, 118, 125, 126, 130, 133, 210, 217

Conflitos 4, 19, 45, 47, 48, 51, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 93, 113, 132, 154, 217

Conhecimentos 9, 1, 2, 10, 26, 29, 30, 48, 52, 53, 91, 123, 126, 131, 137, 163, 173, 210

Crônica 88, 89, 90, 98, 191

D

Deleuze 143, 145, 146, 147, 152

Democratização 100, 104

Desenvolvimento 3, 6, 9, 17, 29, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 65, 70, 92, 93, 105, 108, 109, 110, 114, 118, 123, 126, 127, 133, 171, 184, 191, 208, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 223, 224

Diálogo 9, 26, 29, 30, 43, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 95, 103, 108, 109, 113, 127

Dicotomias 26, 33, 38, 41

E

Economia Solidária 1, 5, 6, 8, 130

Educação 45, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 130, 131, 134, 175, 207, 212, 227

Elementos 1, 3, 7, 8, 14, 15, 18, 19, 34, 36, 37, 46, 57, 66, 74, 82, 91, 92, 101, 112, 115, 124, 130, 161, 165, 166, 170, 198, 216

Etnocentrismo 71, 80

Extensão universitária 1, 6, 7, 9

F

Feira de Santana 13, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25

H

Habilidades 61, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 210, 220

I

Identidade 58, 75, 86, 111, 119, 120, 150

M

Mediação 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 162

Memória 4, 35, 56, 72, 123, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Missão francesa 71, 79, 80, 81, 82, 87

Mulher 54, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 185, 191

N

Nação 71, 72, 73, 74, 75, 159, 164, 176, 184, 204

Nobreza 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

O

Ossos Pélvicos 137

P

Pesquisa-ação 1, 2, 5, 104

Podcast 100, 104, 106, 110

Políticas públicas 56, 66, 121, 123, 126, 127, 128, 132, 133, 135

Povos indígenas 47, 57, 111, 112, 118, 148

Q

Quilombola 118, 119, 121, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134

R

Região 5, 17, 20, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 56, 57, 78, 82, 98, 130, 132, 136, 195

Rei 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 160, 162

S

Sexo 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 168, 185, 186

Sistemas complexos 26, 27, 37, 40, 42, 114

T

Terra 47, 48, 50, 51, 52, 55, 66, 80, 81, 97, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 134, 147, 148, 149, 179, 180, 181, 183

Territorialidades 13, 14, 15, 56, 57

Trabalho 9, 12, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 47, 48, 50, 53, 54, 57, 61, 62, 66, 82, 83, 91, 102, 108, 119, 121, 123, 124, 125, 132, 134, 144, 167, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 201, 205, 208, 210, 216, 219, 221, 224

U

USP 25, 44, 57, 71, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 153

V

Viabilidade 8, 59, 63, 66, 70

Vídeo 100, 104, 106, 107, 108, 109

Violência 51, 117, 123, 167, 168, 169, 167, 170, 171, 173, 174, 175, 184, 185

Viveiros de Castro 143, 144, 147, 148, 150, 151

 **Atena**
Publisher
2 0 2 0